

Resenha do livro

Razão & Criatividade:
tópicos para uma pedagogia neurocientífica

de Marcos Nicolau

04/10/2007

Olga Tavares*

As contribuições neurocientíficas para as práticas pedagógicas anunciadas por Marcos Nicolau, no seu mais recente livro, provocam reflexões seriíssimas sobre o nível de capacidade mental que professores/as e estudantes podem desenvolver nessa perspectiva de uma inteligência criadora, criativa e renovadora. Sob essa nova “dinâmica da interação e aprendizagem humana”, é possível compartilhar novas experiências que abarcam a complexidade dos estímulos cerebrais, bem como novas formas de eles se expandirem e se interconectarem com outras emoções, percepções, desejos e atitudes. A educação que se preconiza para o 3º milênio é a que o autor aponta em todo seu texto: troca de conhecimentos; ampliação de relacionamentos significativos; manifestação das emoções estimulantes. Ao privilegiar a nossa capacidade mental, em conjunto com nosso contexto pessoal, consegue-se pavimentar um caminho mais tranquilo porque feito de auto-entendimento e de auto-compreensão das suas possibilidades, tanto quanto das suas limitações, tomando-se em conta que estas podem ser sempre superadas pela tentativa de equilíbrio das sensações, tensões e desejos. A instabilidade é também motor para novas escolhas, novas expectativas e novas posturas.

Marcos Nicolau aproveita ainda para, didaticamente, apresentar teóricos que se dedicam a esses instigantes estudos neurocientíficos, possibilitando ao leitor/a uma compreensão eficiente do conjunto de conceitos, discutindo a ciência em uma linguagem objetiva, clara e atraente. O livro é a prova da aplicação das concepções científicas que o autor busca como subsídios dessa nova aprendizagem interdisciplinar e interconectiva. A “condição criadora da Natureza” e a existência das teias que enredam o ser humano partem do pressuposto mesmo das próprias conexões neuronais que vão buscando criar novas conexões, novas relações e novas formas de viver melhor. Como enfatiza Marcos Nicolau, o sentido disso é “poder escolher aquilo que alimenta a teia e a torna plena de sentido para continuar evoluindo”.

A Educação que o livro aponta é a do “eterno aprendiz”, cujo objetivo deve ser o de “libertar a mente humana de sua ignorância para garantir a plena criação da vida, de possibilidades de mundos, de inovação e renovação permanente de fontes de significado”. A visão de Marcos Nicolau coaduna com a de Edgar Morin (“Educação e Complexidade”), ao se referir à Universidade, por exemplo, que é o nosso contexto profissional: “a reforma da Universidade tem um objetivo vital: uma reforma do pensamento que viabilize e permita o emprego total da inteligência”. No que Marcos Nicolau corrobora, ao dizer que “inteligência é saber pensar, mas também ter vontade ou coragem para fazê-lo. Consiste em levar a nossa atividade mental a ajustar-se à realidade e a ultrapassá-la”.

Essa sociedade sistêmica que o livro propõe “requer que aprendamos a reconhecer e valorizar os sentimentos - em nós mesmos e nos outros - e que reajamos apropriadamente a eles, aplicando eficazmente a informação e a energia das emoções em nossa vida”. É possível, sim, mudar a atitude mental, desenvolver nossa capacidade intelectual e promover uma ecologia comportamental que poderá transportar o ser humano para uma irresistível rede de vidas entrelaçadas por teias de todas as naturezas.

***Olga Tavares** é professora do Curso de Comunicação Social da UFPB. Doutora em Comunicação.